

"Rosa dos Eventos"

Enéas Athanázio

Embora seja dos maiores poetas do Ceará e do país, Francisco Carvalho tem sido pouco divulgado aqui das fronteiras do seu Estado. Ganhador de vários prêmios de expressão, inclusive o primeiro lugar no concurso nacional de poesia da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, nem isso despertou um interesse mais sério e permanente pela sua obra além do destaque momentâneo causado pela notícia da premiação. É claro que houve manifestações críticas e a exposição de suas obras — pela primeira vez fora do Ceará — numa livraria do Rio, organizada pela nossa conterrânea Maura de Senna Pereira, para quem ele é a figura primeira na poética nacional do momento. Mas isso tudo, apesar do esforço, é muito pouco.

Autor de uma dezena de livros de poesia, avulta entre eles "Rosa dos Eventos" (Editora UFC/ACL - Fortaleza - 1982), onde reúne poemas da melhor qualidade e que mereceram aplausos de críticos como Pedro Paulo Montenegro, Linhares Filho, Anderson Braga Horta e outros. É uma poesia "transparente de luz e de uma enorme aura de fascínio" — como se afirmou na imprensa.

E de fato, os trabalhos deste volume dão ao leitor aquele prazer que só dão as verdadeiras obras de arte. Não fica dúvida de que foram produzidos por um poeta de verdade, que sabe manejar a palavra, em versos livres ou metrificados. Em qualquer deles se movimenta com segurança e habilidade.

Neste livro há uma presença constante, um partícipe. São raros os poemas em que não aparece; em muitos marca presença mais de uma vez. É uma entidade que toca a sensibilidade do poeta, atinge-o nas mais variadas circunstâncias, sopra em todas as direções como uma rosa dos ventos (e eventos). É o vento que sugere dramas, inspira o medo, desperta recordações

antigas, liga-se à idéia da morte. É o vento que abre as velas esguias das barcas, é o vento da ira que sopra do Ocidente, é o vento que aliva nas janelas entreabertas, são os sete ventos da encruzilhada, é um vento que às vezes parece alucinado, é o vento de abril nas cancelas da estrada, é o vento que carrega as folhas do pomar, é o vento que carrega o adubo de tudo, é o vento que levou a infância, o pai, o vento que passa pela porta dos acontecimentos, o vento que sopra das arcadas da hipocrisia, o vento que desfolha as asas da relva.

O vento, o vento, o vento.

O vento que cumpre a sua sina, soprando nos eventos ferindo a sensibilidade do poeta.

É um livro igual, sem altos e baixos. Mas a mim agradam principalmente os poemas "Edital", "Rascunho de um testamento apócrifo" (sinto alguma coisa indefinível comum aos dois) e "Anúncio

de escrava extraviada", cheio de subentendidos e de uma beleza suave e cativante como a da própria cativa Jacintha. E mesmo nesses poemas, com exceção do segundo, também está o vento.

Mas os últimos poemas do volume, os dois maiores, bem merecem uma palavra. "Balada imemorial do rio" e "Ode ao poeta Jader de Carvalho" são homenagens ao rio e ao poeta, ambas ressumando ternura e sinceridade. Naquele é o rio da infância, da saudade, de todos os tempos; neste é o rio que corre na obra do poeta homenageado, um rio que corre em seu canto agalopado, um velho rio de cabelos brancos.

Nessa poesia avista-se a todo instante a paisagem da terra nordestina, a paisagem quente e amiga que o Brasil precisa conhecer. E com isso conhecendo melhor a si mesmo.

